



# Saúde sexual e reprodutiva no *feed*: O papel das redes sociais *online* no desenvolvimento da e-literacia dos jovens entre os 18 e os 24 anos na Área Metropolitana de Lisboa

Sexual and reproductive health on the feed: The role of social media in the development of e-health literacy among young people aged 18 to 24 in the Lisbon Metropolitan Area

---

**Ana Beatriz Monteiro**

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa

**Raphaël Baptista**

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa

# Resumo

---

Este estudo investiga o contributo das redes sociais *online* para o desenvolvimento da e-literacia em saúde sexual e reprodutiva entre jovens portugueses, com idades entre os 18 e os 24 anos. Com base num inquérito por questionário aplicado a 229 participantes da Área Metropolitana de Lisboa, analisaram-se os níveis de e-literacia e as motivações associadas ao uso destas plataformas para obter informações sobre saúde sexual e reprodutiva. Os resultados mostram que a maioria dos jovens apresenta níveis elevados de e-literacia em saúde, sendo que as mulheres e os indivíduos com maior escolaridade revelam desempenhos superiores. Instagram e *TikTok* destacam-se como as plataformas mais utilizadas, motivadas pela facilidade de acesso, privacidade e curiosidade. Contudo, a pesquisa de informação em saúde ocorre sobretudo de forma ocasional e acompanhada por incerteza quanto à fiabilidade das fontes. A investigação apoia-se na teoria dos usos e gratificações e na escala eHEALS, adaptada ao contexto da saúde sexual e reprodutiva. Conclui-se que as redes sociais *online* têm um potencial significativo na promoção de comportamentos informados e seguros, desde que as mensagens sejam acessíveis, culturalmente adaptadas e visualmente apelativas. O estudo contribui para a compreensão das práticas informacionais dos jovens sobre saúde sexual e reprodutiva e para o desenho de estratégias de comunicação em saúde mais eficazes sobre o domínio referido.

---

## **PALAVRAS-CHAVE:**

e-literacia, saúde sexual e reprodutiva, redes sociais *online*, jovens.

## Abstract

---

This study investigates the role of social media platforms in the development of e-health literacy in sexual and reproductive health among Portuguese youth aged 18 to 24. Based on a survey of 229 participants from the Lisbon Metropolitan Area, the research examined levels of e-health literacy and motivations behind using these platforms to seek sexual and reproductive health information. Findings reveal that most participants exhibit high levels of e-health literacy, with women and those with higher education showing better outcomes. Instagram and TikTok emerged as the most used platforms, driven by ease of access, privacy, and curiosity. However, health information searches are mostly occasional and accompanied by uncertainty regarding source reliability. The study is grounded in Uses and Gratifications Theory and employs an adapted version of the eHEALS scale for sexual and reproductive health. The results suggest that social media holds significant potential to promote informed and safe behaviours, provided messages are accessible, culturally sensitive, and visually engaging. This research contributes to a deeper understanding of young people's information practices on sexual and reproductive health and offers insights for more effective health communication strategies about the referred domain.

---

### KEYWORDS

e-literacy, sexual and reproductive health, social media, young people.

# 1. Introdução

---

A saúde sexual e reprodutiva é um componente essencial do bem-estar geral dos indivíduos, abrangendo a capacidade de desfrutar de uma vida sexual segura, satisfatória e saudável, e de controlar a reprodução de acordo com direitos e escolhas pessoais (World Health Organization, 2025). A promoção da saúde sexual e reprodutiva tem um impacto significativo na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e na redução das taxas de gravidez indesejada, especialmente entre os jovens (Fortenberry et al., 2001). No entanto, em Portugal, apesar dos avanços na educação sexual, os jovens ainda revelam lacunas importantes no conhecimento sobre contraceção e prevenção de DST, o que representa uma preocupação crescente em termos de saúde pública (Lusa, 2022).

A literacia em saúde sexual e reprodutiva surge como um fator fundamental para habilitar os jovens a tomar decisões informadas e responsáveis sobre a sua saúde sexual (Smith & Roberts, 2009). Este conceito refere-se à capacidade dos indivíduos de adquirir, compreender e utilizar informações relacionadas com a saúde sexual e reprodutiva, para tomarem decisões adequadas, promovendo comportamentos preventivos (Norman & Skinner, 2006). Contudo, a rápida transformação dos meios de comunicação, especialmente com o advento das plataformas *online*, exige que os jovens desenvolvam uma nova competência: a e-literacia em saúde, que é a capacidade de procurar, encontrar, compreender e avaliar informações de saúde provenientes de fontes digitais (Norman & Skinner, 2006). Esta habilidade é particularmente relevante para a saúde sexual e reprodutiva, uma vez que muitos jovens recorrem a fontes *online* para obter informações sobre este tema, em busca de privacidade e acessibilidade (Evers et al., 2013).

Este estudo procura preencher essa lacuna, investigando o papel das redes sociais *online* na promoção da e-literacia em saúde sexual e reprodutiva entre os jovens portugueses, analisando os níveis de e-literacia, assim como as motivações e gratificações associadas ao uso destas plataformas para obtenção de informação nesta área. Especificamente, tem como objetivos: (1) avaliar o nível de e-literacia em saúde sexual e reprodutiva entre os jovens; e (2) compreender as motivações e gratificações associadas ao uso das redes sociais *online* para o consumo de informações sobre saúde sexual. O estudo oferece uma análise crítica sobre como as redes sociais *online* podem ser usadas como ferramentas para melhorar a saúde sexual dos jovens, contribuindo para a formulação de campanhas de saúde mais eficazes.

Finalmente, a presente investigação apoia-se na teoria dos usos e gratificações, que permitirá compreender as motivações subjacentes ao uso das redes sociais *online* por parte dos jovens para acederem a conteúdos sobre saúde sexual e reprodutiva. Simultaneamente, recorre-se à escala eHEALS (Norman e Skinner, 2006) como instrumento para aferir o nível de literacia em saúde *online* dos participantes. A articulação entre este enquadramento teórico e as opções metodológicas adotadas permitem explorar, de forma integrada, tanto as razões do uso como a eficácia percebida das redes sociais *online* enquanto fontes de informação em saúde.

Foi realizada uma pesquisa na base de dados EBSCO utilizando as seguintes palavras-chave: (*eHealth literacy OR e-health literacy OR digital health literacy*) AND (*sexual and reproductive health*) AND *social media* AND *Portugal*. Não foram aplicados limites idiomáticos ou temporais na pesquisa, permitindo assim a inclusão de uma ampla gama de artigos relevantes para o tema. Adicionalmente, foram selecionados os critérios de *Peer reviewed* para garantir a qualidade e a credibilidade das fontes. A pesquisa não devolveu quaisquer resultados, reforçando a pertinência de investigar este fenómeno.

Para sustentar esta análise, recorre-se a um enquadramento teórico que articula os conceitos de literacia e e-literacia em saúde, os contributos da teoria dos usos e gratificações, e o papel das redes sociais enquanto fontes de informação em saúde sexual para os jovens.

---

## Literacia, juventude e redes sociais *online*: uma abordagem teórica à saúde sexual *online*

---

### Da literacia à e-literacia em saúde

O conceito de literacia em saúde foi originalmente utilizado por Simonds (1974), que o descreveu sob o termo *educação da saúde*. Simonds (1974) argumentava que a educação em saúde constitui uma atividade de serviço social, destinada a promover o bem-estar da população, contribuindo para o desenvolvimento dos recursos humanos e reduzindo as lacunas entre as necessidades dos indivíduos e os serviços de saúde disponíveis.

Ao longo dos anos, o conceito de literacia em saúde evoluiu. Kickbusch (1997) expandiu essa definição ao afirmar que a literacia em saúde envolve não apenas o acesso a informações de saúde, mas também o desenvolvimento de competências pessoais e sociais necessárias para aplicar essas informações de modo a melhorar a saúde pessoal e comunitária. Esse entendimento foi complementado por Nutbeam (1998), que reforçou a importância das competências cognitivas e sociais para a promoção de uma boa saúde. A literacia em saúde passou, então, a ser entendida como o nível de conhecimento e confiança necessário para tomar decisões que impactem positivamente a saúde, sendo fundamental para modificar estilos de vida e melhorar as condições de vida.

A transição para o ambiente digital trouxe um novo desafio: a e-literacia em saúde, que, segundo Norman e Skinner (2006), pode ser definida como a capacidade de buscar, encontrar, compreender e avaliar informações de saúde disponíveis em fontes digitais, utilizando esse conhecimento para resolver problemas de saúde. Este conceito combina diferentes facetas da literacia tradicional, aplicadas à promoção e cuidados de saúde no ambiente *online*.

O advento da internet e o rápido crescimento das plataformas digitais criaram formas de acesso à informação, especialmente para os jovens. Eles recorrem frequentemente a fontes digitais em busca de privacidade e conveniência ao procurar informações sobre saúde sexual e reprodutiva (Evers et al., 2013). Assim, a e-literacia em saúde tornou-se uma competência essencial para navegar neste novo ambiente, no qual a quantidade e diversidade de informações podem ser tanto uma oportunidade quanto um desafio, dado o risco de desinformação e conteúdos de baixa qualidade.

Surge, assim, a escala de e-literacia em saúde (eHEALS), desenvolvida por Norman e Skinner (2006), com o propósito de avaliar as competências dos indivíduos no que respeita ao acesso, compreensão e utilização de informação de saúde em ambientes digitais, aplicando-se a diferentes contextos e populações. Trata-se de um instrumento de autorrelato, geralmente aplicado por profissionais de saúde, através do qual os participantes avaliam as suas próprias percepções quanto às suas capacidades no domínio da eHealth. O objetivo central da escala consiste em estimar o nível de conhecimento e as habilidades da população, de modo a informar estratégias mais eficazes de promoção da saúde. A eHEALS é composta por oito itens, avaliados numa escala de Likert de cinco pontos, que vai desde “discordo totalmente” (1) até “concordo totalmente” (5).

## Quadro 1. Questões da eHEALS

<b>Q1</b>	Eu sei como encontrar recursos úteis sobre saúde na internet
<b>Q2</b>	Eu sei como usar a internet para responder às minhas questões de saúde
<b>Q3</b>	Eu sei que recursos relacionados com a saúde estão disponíveis na internet
<b>Q4</b>	Eu sei onde encontrar recursos úteis sobre saúde na internet
<b>Q5</b>	Eu sei como utilizar a informação sobre saúde que encontro na internet
<b>Q6</b>	Eu tenho as competências necessárias para avaliar os recursos sobre saúde que encontro na internet
<b>Q7</b>	Eu sei distinguir recursos sobre saúde de alta qualidade e baixa qualidade que encontro na internet
<b>Q8</b>	Eu sinto-me confiante em utilizar informações que encontro na internet para tomar decisões relacionadas com a minha saúde

Fonte: Elaboração própria a partir de Norman e Skinner, 2006.

A escala eHEALS tem demonstrado ser eficaz na avaliação da confiança dos indivíduos na utilização de ferramentas digitais para fins relacionados com a saúde (e.g., Albury & Mannix, 2025; George et al., 2023).

---

## Aplicabilidade da e-literacia em saúde sexual e reprodutiva

---

Nos últimos anos, a saúde sexual e reprodutiva tornou-se uma questão de crescente importância no desenvolvimento da e-literacia em saúde, especialmente entre os jovens, uma vez que o contato precoce com a sexualidade nos *media* molda suas percepções e comportamentos (Ashcraft, 2009). O desenvolvimento dessa e-literacia é particularmente relevante para a prevenção de DST e a redução das taxas de gravidez indesejada entre adolescentes (Goldfarb & Lieberman, 2021).

A e-literacia em saúde sexual e reprodutiva vai além da mera transmissão de conhecimentos sobre anatomia ou métodos contraceptivos, devendo também incluir temas como diversidade sexual, identidade de género, consentimento, e relações saudáveis, para abordar as várias dimensões da sexualidade humana (Lucassen & Burford, 2015). Estudos indicam que a inclusão de conteúdos sobre diversidade se-

xual nas escolas, por exemplo, tem demonstrado ser eficaz na redução de estigmas e comportamentos homofóbicos, além de promover uma melhor aceitação e respeito pelas orientações sexuais e identidades de género (Lucassen & Burford, 2015).

Além disso, programas de educação sexual nas escolas têm evoluído para incluir temas como a violência no namoro, com o objetivo de influenciar positivamente as atitudes dos jovens e reduzir a prevalência deste tipo de violência (Taylor et al., 2010). A e-literacia em saúde sexual e reprodutiva, portanto, não se limita à prevenção de doenças ou gravidez, mas abrange um conjunto mais amplo de competências socioemocionais, como a comunicação eficaz, a gestão dos sentimentos e a construção de relações saudáveis (Dunstan et al., 2017).

O desafio, no entanto, reside no facto de que a sexualidade ainda é vista como um tópico controverso, sobretudo entre adolescentes, o que pode limitar a sua abordagem no âmbito da e-literacia em saúde (Ashcraft, 2009). Em muitos contextos, o diálogo sobre sexualidade é encarado como responsabilidade exclusiva do setor da saúde pública, o que pode reduzir o envolvimento de outras instituições educacionais e sociais na promoção da saúde sexual.

Assim, entende-se que níveis elevados de e-literacia estão associados a comportamentos mais seguros, como o uso de contraceção e a prevenção de infeções sexualmente transmissíveis (Alhussaini et al., 2025), bem como a matérias mais ligadas à sociologia. A sua integração em contextos educativos e comunitários pode ajudar a superar barreiras persistentes, como o estigma e a desinformação, especialmente entre adolescentes (e.g., Abdurahman et al., 2022; Ireland et al., 2021; Soleymani et al., 2015).

Para tal, é essencial que as plataformas digitais sejam acessíveis, úteis e culturalmente sensíveis (Katsaliaki, 2024; Mohammadi et al., 2016). Por fim, também os profissionais de saúde devem desenvolver competências em e-literacia, de forma a orientar eficazmente os utentes na utilização de recursos digitais (Inyang-Etoh et al., 2015).

# Influência das redes sociais *online* na e-literacia em saúde

---

As redes sociais *online* desempenham um papel crucial na disseminação de informações de saúde, especialmente entre os jovens. Estas plataformas oferecem uma oportunidade única para alcançar grandes audiências de forma rápida e económica, tornando-as uma ferramenta poderosa na evolução da e-literacia em saúde (Roberts et al., 2017). Além disso, permitem uma comunicação dinâmica, multidirecional e interativa, a partir da qual tanto profissionais de saúde como leigos podem participar na troca de informações e experiências (Roberts et al., 2017).

A utilização das redes sociais *online* para o desenvolvimento da e-literacia em saúde tem demonstrado resultados positivos. Contributos científicos anteriores mostram que campanhas interativas nestas plataformas têm maior probabilidade de alcançar mudanças comportamentais, uma vez que incentivam o envolvimento do público (e.g., Crutzen et al., 2011; Neiger et al., 2013). Além disso, são vistas como uma forma eficaz de remover barreiras geográficas e físicas, promovendo a equidade na saúde, particularmente em comunidades com menor acesso a fontes tradicionais de informação (Welch et al., 2016). A literatura recente reforça que campanhas direcionadas em redes sociais *online*, quando personalizadas e adaptadas ao público, podem traduzir-se em gratificações associadas ao aumento significativo dos níveis de conhecimento e intenção de adoção de comportamentos preventivos entre os jovens (Bhandari et al., 2024).

No entanto, embora as redes sociais *online* apresentem um vasto potencial para a promoção da saúde, também trazem consigo desafios significativos, incluindo o risco de desinformação, por exemplo. A disseminação de informações incorretas sobre saúde é uma preocupação crescente, já que pode levar a comportamentos prejudiciais (Gabarrón et al., 2021). Isso realça a importância de desenvolver a capacidade de avaliar criticamente as informações recebidas *online*, o que é essencial para navegar com segurança no ambiente digital (Sentell et al., 2020).

A eficácia das redes sociais *online* na promoção da e-literacia em saúde sexual depende da forma como as mensagens são apresentadas: é essencial que sejam culturalmente adaptadas, acessíveis e pertinentes ao universo dos jovens (Mukti & Putri, 2021). Plataformas como o Instagram e o *TikTok*, que se destacam pela sua elevada taxa de adesão junto deste público, oferecem oportunidades relevantes

para disseminar informação sobre saúde sexual e reprodutiva (e.g., Breves et al., 2019; Mukti & Putri, 2021). Estudos demonstram que conteúdos educativos, quando alinhados com as linguagens e formatos próprios destas plataformas, despertam maior envolvimento dos utilizadores (Mukti & Putri, 2021). Neste contexto, os influencers digitais adquirem um papel estratégico, não apenas como emissores de informação, mas como mediadores afetivos da mensagem — ao partilharem experiências pessoais e recomendações, aumentam a identificação e a credibilidade percebida (Breves et al., 2019). Ainda assim, a ausência de qualificação formal por parte de alguns influenciadores pode comprometer a fiabilidade das mensagens transmitidas, sobretudo em temas sensíveis como a saúde sexual. Estudos apontam que a atratividade ou popularidade pode, por vezes, sobrepor-se ao rigor científico, gerando impacto informativo com base em critérios não validados (e.g., Evans et al., 2017; Segovia Villarreal & Rosa-Díaz, 2022). Estas práticas têm o potencial de influenciar positivamente atitudes e comportamentos, promovendo a adoção de práticas sexuais mais seguras e a procura de informação fiável (e.g., Breves et al., 2019; Mukti & Putri, 2021).

As redes sociais *online* não funcionam apenas como canais de difusão, como também como arenas de interação e construção de normas sociais (Kesten et al., 2023). É através do contacto com comentários, testemunhos de pares e discussões públicas que os jovens reavaliam as suas crenças sobre sexualidade, práticas seguras ou relações interpessoais (Kesten et al., 2019). Essa dimensão dialógica das plataformas digitais potencia a internalização de normas e valores, funcionando como mecanismo informal de socialização. Em particular, esta lógica relacional pode ser fundamental, do ponto de vista das gratificações, para reforçar atitudes positivas em relação ao uso do preservativo, ao consentimento informado ou à aceitação da diversidade sexual (e.g., Ajutor et al., 2025; Kesten et al., 2019).

---

## Opções metodológicas

---

A presente investigação compromete-se a investigar o papel das redes sociais *online* na promoção da e-literacia em saúde sexual e reprodutiva entre os jovens portugueses, analisando os níveis de e-literacia e as motivações e gratificações associadas ao uso destas plataformas para obtenção de informação nesta área. Especificamente, o artigo pretende: (1) aferir o nível de e-literacia em saúde sexual

e reprodutiva entre os jovens; e (2) compreender as motivações e gratificações subjacentes ao uso de redes sociais *online* para o consumo de informações sobre saúde sexual e reprodutiva. Para concretizar os objetivos, opta-se pela adoção de um inquérito por questionário *online*, acolhendo o método quantitativo.

A amostra do inquérito é composta por 229 jovens adultos (18 a 24 anos), residentes na área metropolitana de Lisboa. A amostra foi por conveniência, utilizando um processo não probabilístico com elementos da técnica de bola de neve, no qual os participantes foram convidados a divulgar o questionário para outros indivíduos que atendessem aos critérios de elegibilidade (Etikan & Bala, 2017).

O questionário foi disponibilizado *online* através de uma ferramenta gratuita da Google – o *Google Forms*. Adicionalmente, o inquérito foi distribuído *online*, entre 18 e 26 de junho de 2024. O guião é composto por três dimensões temáticas:

1. Características sociodemográficas;
2. Usos e gratificações das redes sociais *online*;
3. e-Literacia em saúde sexual e reprodutiva.

A consistência interna dos itens foi analisada através do alfa de Cronbach, que revelou valores elevados: 0,964 para e-literacia em saúde e 0,982 para e-literacia em saúde sexual e reprodutiva, indicando elevada fiabilidade das escalas.

A terceira dimensão temática foi construída a partir da escala eHEALS (Norman & Skinner, 2006), sendo que as questões que a compõem foram adaptadas à realidade da e-literacia sexual e reprodutiva – e.g., “eu sei como encontrar recursos úteis sobre saúde sexual e reprodutiva na internet”. A escala eHEALS foi aplicada com a direção invertida face ao formato original de Norman e Skinner (2006), correspondendo o valor 1 a “concordo totalmente” e o valor 5 a “discordo totalmente”. Esta inversão foi realizada para assegurar coerência interna em todo o questionário, uma vez que as restantes escalas utilizadas adotavam esta direção. A homogeneidade no formato de resposta reduz a carga cognitiva dos participantes, diminui a probabilidade de erros por inatenção e melhora a consistência das respostas, conforme recomendado na literatura sobre desenho de questionários (e.g., Meade & Carig, 2012; Podsakoff et al., 2003; Weijters et al., 2013). Esta adaptação não altera o constructo avaliado nem compromete as propriedades psicométricas da escala, mantendo a sua equivalência funcional, tal como é previsto nos processos de adaptação cultural de instrumentos psicométricos (e.g., Beaton et al., 2000).

Com base na soma dos valores atribuídos às respostas (escala de 1 a 5 para 8 itens), criou-se uma variável composta com pontuações entre 8 e 40. Estas pontuações foram agrupadas em três níveis: alto (8–18), moderado (19–29) e baixo (30–40). A média da e-literacia em saúde foi de 17,2 e o desvio padrão de 6,7, o que indica concentração no nível alto, mas com grande dispersão. A média da e-literacia em saúde sexual e reprodutiva foi semelhante (18), com desvio padrão de 7,7.

O tratamento dos dados do inquérito por questionário foi realizado através da utilização do software SPSS, a partir de análises univariadas e bivariadas. Adicionalmente, o teste qui-quadrado foi aplicado, procurando determinar a existência de relações estatisticamente significativas.

---

## Apresentação dos resultados

---

### Nível de literacia e e-literacia em saúde sexual e reprodutiva em jovens portugueses

Na análise descritiva da escala eHEALS adaptada à e-literacia em saúde, verificou-se que, em todos os itens, a resposta mais frequente foi “Concordo”, seguida de “Concordo totalmente”. A exceção foi o item “Sei quais são os conteúdos de saúde disponíveis nas redes sociais *online*”, onde “Não concordo nem discordo” surge logo após “Concordo”. A maioria dos itens teve mais de 50% de respostas “Concordo”, com exceção de dois: “Sei como utilizar as redes sociais *online* para responder às minhas questões de saúde” (48,9%) e “Sinto-me confiante ao utilizar a informação das redes sociais *online* para tomar decisões de saúde” (48,5%). As opções “Discordo” e “Discordo totalmente” nunca ultrapassaram os 10%.

Na versão adaptada à e-literacia em saúde sexual e reprodutiva, manteve-se o padrão, com “Concordo” e “Concordo totalmente” como respostas mais frequentes. No entanto, em nenhum item a resposta “Concordo” ultrapassou os 50%. No item “Sei quais são os conteúdos de saúde sexual e reprodutiva disponíveis nas redes sociais *online*”, a resposta “Não concordo nem discordo” superou “Concordo totalmente”. Em vários casos, a opção “Não concordo nem discordo” ultrapassou os 20%, e o item “Sinto-me confiante ao utilizar a informação das redes sociais *online* para tomar decisões de saúde sexual e reprodutiva” teve 10% de respostas “Discordo”.

Na recodificação dos *scores*, verificou-se que 70,7% dos inquiridos apresentaram um nível alto de e-literacia em saúde, 21,8% um nível moderado e 7,4% um nível baixo. Quanto à e-literacia em saúde sexual e reprodutiva, 66,4% revelaram nível alto, 22,7% nível moderado e 10,9% nível baixo.

Cruzando os níveis de e-literacia com sexo e escolaridade, concluiu-se que, apesar de não haver relações estatisticamente significativas, observam-se tendências relevantes. No nível de e-literacia em saúde, 57,9% dos inquiridos com até ao 3.º ciclo apresentaram nível alto, 26,3% moderado e 15,8% baixo. Entre os que concluíram o ensino secundário, 69,7% tinham nível alto, 23,2% moderado e 7,1% baixo. Nos licenciados, 70,4% tinham nível alto, 22,4% moderado e 7,1% baixo. Todos os inquiridos com mestrado apresentaram nível alto.

Relativamente à e-literacia em saúde sexual e reprodutiva, 68,4% dos inquiridos com até ao 9.º ano tinham nível alto, 15,8% moderado e 15,8% baixo. Entre os que completaram o ensino secundário, 66,7% apresentaram nível alto, 21,2% moderado e 12,1% baixo. Entre os licenciados, 63,3% registaram nível alto, 27,6% moderado e 9,2% baixo. Os indivíduos com mestrado destacaram-se com 84,6% em nível alto, enquanto os níveis moderado e baixo se fixaram em 7,7%.

Quanto ao sexo, as mulheres apresentaram níveis mais elevados de e-literacia em saúde (77,7%) do que os homens (64,2%). Os homens, por sua vez, registaram maior proporção de nível baixo (11,3% face a 2,5%). O mesmo padrão observou-se na e-literacia em saúde sexual e reprodutiva.

## Gratificações de jovens portugueses no uso de redes sociais *online* para o consumo de informações sobre saúde sexual e reprodutiva

Todos os inquiridos referiram ter acesso à internet, e apenas 0,9% afirmaram não utilizar redes sociais *online*. Entre os utilizadores, 62% indicaram usar estas plataformas entre 2 e 6 horas por dia, 22,3% mais de 6 horas e 15,7% menos de 2 horas.

Quando questionados sobre se utilizavam redes sociais *online* para procurar informação sobre saúde, 80,8% responderam afirmativamente, sendo que 47,6% o fazem ocasionalmente e apenas 6,5% de forma constante. As plataformas mais utilizadas para esse fim foram o Instagram (33%), TikTok (20,5%), X (13%), outras plataformas (12,4%), YouTube (11,9%) e Facebook (9,2%).

Sobre a confiabilidade das redes sociais *online* como fonte de informação, 47,2% consideraram-nas confiáveis, 16,2% discordaram e 36,7% responderam “talvez”. Quanto à sua utilidade para apoiar decisões de saúde, 55,9% consideraram-nas úteis, 13,5% muito úteis, 11,4% inúteis, 2,2% totalmente inúteis e uma parte respondeu “Não concordo nem discordo”.

Na questão de resposta múltipla sobre os motivos para pesquisar informação sobre saúde sexual, os mais indicados foram: “É de fácil acesso” (49,8%), “É privado” (36,7%) e “Para satisfazer a minha curiosidade” (34,9%). Ainda assim, 12,2% dos inquiridos indicaram não usar redes sociais *online* para esse fim.

Cruzando a perceção de confiabilidade das redes sociais *online* com o tempo de uso, observou-se que apenas 35,3% dos que usam menos de 2 horas as consideraram confiáveis, enquanto entre os que usam mais de 6 horas, 72,5% responderam afirmativamente. Relativamente à utilidade para decisões de saúde, os que consideraram estas plataformas “muito úteis” eram sobretudo utilizadores assíduos (54,8%).

Quanto ao nível de escolaridade, entre os inquiridos com até ao 3.º ciclo, 47,4% consideraram as redes sociais *online* úteis para decisões de saúde. No ensino secundário, esse valor foi de 52,5%; entre licenciados, 62,2%; e, nos mestres, houve igualdade entre “útil” e “muito útil” (ambos com 46,2%).

No cruzamento com o sexo, os homens destacaram-se pelas opções “É de fácil acesso” (43,4%), “É privado” (36,8%), “É fácil encontrar informação confiável” (29,2%) e “Para satisfazer a minha curiosidade” (29,2%). As mulheres escolheram sobretudo “É de fácil acesso” (56,2%), “Para satisfazer a minha curiosidade” (40,5%) e “É privado” (37,2%).

---

## Discussão de resultados

---

O estudo revelou que os níveis de e-literacia em saúde e em saúde sexual e reprodutiva foram elevados, com valores ligeiramente superiores para a literacia geral (70,7%) em comparação à literacia em saúde sexual (66,4%). Mulheres e indivíduos com maior escolaridade apresentaram os melhores resultados, alinhando-se com autores como van der Heide et al. (2013) e Lee et al. (2014), que destacam

a influência da educação nos níveis de literacia em saúde. As tendências entre homens reforçam estudos como os de Dryden et al. (2012), que indicam menor adesão masculina a serviços de saúde.

A escala eHEALS revelou elevada confiabilidade no contexto português, destacando-se como ferramenta robusta para medir a e-literacia. Estudos realizados com estudantes de medicina identificaram fatores determinantes nos níveis de literacia em saúde sexual, sublinhando a relevância da literacia em saúde digital para a promoção de uma educação sexual eficaz (Nematzadeh et al., 2024). Contudo, à semelhança do apontado por van der Vaart (2011), a validade da escala enquanto instrumento merece estudo adicional, uma vez que certas correlações esperadas não foram observadas. Ainda que as relações analisadas não tenham apresentado significância estatística, as tendências identificadas merecem atenção, pois revelam possíveis padrões socioculturais e informacionais entre os jovens portugueses. A leitura crítica destes resultados sugere que fatores como género, escolaridade e intensidade de uso das redes sociais podem influenciar não apenas o acesso, mas também a forma como a informação em saúde sexual e reprodutiva é percebida e utilizada. Embora estes indícios não permitam inferências generalizáveis, apontam caminhos relevantes para futuras investigações e para a formulação de estratégias de comunicação em saúde mais sensíveis às diferenças individuais e contextuais.

No uso de redes sociais *online*, 99,1% dos inquiridos afirmaram utilizá-las, sobretudo durante duas a seis horas por dia, mas apenas 80,8% pesquisam informações de saúde nesses canais. *Instagram* e *TikTok* destacaram-se como as plataformas mais utilizadas, sendo este resultado coerente com estudos como o do *Marketeer* (2022) e Kemp (2025). No entanto, a pesquisa sobre saúde ocorre de forma ocasional para quase metade dos participantes (47,6%).

Apesar da utilização esporádica, 69,4% dos inquiridos reconhecem a utilidade das redes sociais *online* para decisões de saúde, o que indica potencial ainda subaproveitado. Fatores como dificuldades em identificar informações credíveis e a exposição a tópicos sensíveis, como saúde sexual, podem explicar esta relutância (Wartella et al., 2016; Divecha et al., 2012).

A perceção de confiabilidade das redes sociais *online* mostrou-se associada ao tempo de uso. Indivíduos que as utilizam por mais de seis horas diárias tendem a confiar mais nessas plataformas, em linha com o estudo de Warner-Søderholm et al. (2018). Da mesma forma, a frequência de uso relacionou-se com a utilidade percebida, especialmente entre utilizadores com maior escolaridade, um padrão corroborado por Hamat et al. (2012).

No contexto da saúde sexual, os jovens recorreram às redes sociais principalmente pela facilidade de acesso (49,8%), privacidade (36,7%) e satisfação de curiosidade (34,9%). Estes fatores foram consistentes entre gêneros, o que destaca que as características valorizadas das plataformas são semelhantes para homens e mulheres (McLaughlin et al., 2016). As razões apontadas pelos jovens para recorrerem às redes sociais *online*, como a facilidade de acesso e a privacidade, podem ainda ser compreendidas à luz da teoria dos usos e gratificações, enquadrando-se como gratificações utilitárias e de evasão. A curiosidade, por sua vez, remete para gratificações cognitivas, como sugerido por Katz et al. (1973). A partir da teoria dos usos e gratificações, é possível categorizar os motivos relatados pelos jovens segundo três grandes tipos: (1) gratificações cognitivas, como a curiosidade ou a procura de conhecimento sobre saúde sexual; (2) gratificações afetivas e sociais, que podem estar ligadas à identificação com criadores de conteúdo ou ao sentimento de pertença a comunidades *online*; e (3) gratificações utilitárias, como a facilidade de acesso e a privacidade. Esta leitura reforça a ideia de que o uso das redes sociais *online* por parte dos jovens não é meramente instrumental, mas multifacetado e emocionalmente mediado.

---

## Conclusões

---

O estudo permitiu aferir que os jovens inquiridos apresentam níveis elevados de e-literacia em saúde e em saúde sexual e reprodutiva, sendo que a literacia geral registou valores ligeiramente superiores. Verificaram-se diferenças associadas ao sexo e ao nível de escolaridade: as mulheres e os indivíduos com maior escolarização tendem a apresentar níveis mais altos, o que corrobora estudos prévios sobre determinantes da literacia em saúde.

Relativamente ao segundo objetivo, concluiu-se que a maioria dos jovens utiliza redes sociais *online* para procurar informação sobre saúde, embora essa pesquisa seja, na maioria dos casos, ocasional. O Instagram destacou-se como a plataforma mais utilizada, seguido pelo *TikTok*, refletindo tendências de consumo atuais. No contexto da saúde sexual e reprodutiva, os principais fatores apontados para o uso destas plataformas foram a facilidade de acesso, a privacidade e a curiosidade — motivos comuns entre gêneros.

Estes resultados sugerem que as redes sociais *online* possuem um potencial significativo enquanto canais de promoção da literacia em saúde entre os jovens. No entanto, para que esse potencial seja efetivamente concretizado, é necessária uma estratégia de comunicação mais eficaz por parte das entidades públicas, com conteúdos adaptados, visualmente apelativos e centrados nas necessidades informativas do público-alvo.

Este estudo contribui para a compreensão da e-literacia em saúde dos jovens portugueses e das gratificações associadas ao uso das redes sociais *online* para fins informativos em saúde sexual e reprodutiva. Mais detalhadamente, reconhecem-se contributos no domínio:

**a) Concetual:** ao articular conceitos como e-literacia em saúde, literacia em saúde sexual e reprodutiva e comunicação digital, o estudo coloca em diálogo definições plurais e operacionais destes constructos. Demonstra-se a sua aplicabilidade num contexto empírico centrado em redes sociais *online*.

**b) Metodológico:** o inquérito por questionário desenvolvido revelou-se útil para captar tanto os níveis de e-literacia como os usos e gratificações associados às redes sociais *online*. A sua estrutura poderá ser replicada ou adaptada em estudos similares sobre comunicação em saúde *online*;

**c) Social:** ao contribuir para a compreensão das práticas informacionais dos jovens em matéria de saúde sexual, esta investigação reforça o papel das redes sociais *online* como ferramentas de capacitação e empoderamento juvenil, promovendo comportamentos mais saudáveis e informados.

**d) Prático:** os resultados oferecem pistas úteis para profissionais de saúde, educadores e criadores de conteúdo digital que pretendam comunicar com públicos jovens. A valorização da acessibilidade, da estética e da privacidade nas redes sociais *online* indica que as mensagens devem ser visualmente apelativas, culturalmente sensíveis e adaptadas às motivações informacionais dos jovens. Recomenda-se, ainda, a colaboração entre especialistas em saúde e produtores de conteúdos, de modo a garantir a fiabilidade e a eficácia das estratégias de comunicação digital.

Contudo, importa reconhecer limitações, nomeadamente o tamanho e natureza não probabilística da amostra, o que restringe a generalização dos resultados. Além disso, apesar das tendências identificadas, a ausência de significância estatística em algumas relações analisadas limita a força das conclusões inferenciais.

Para além da natureza não probabilística da amostra, importa reconhecer que a ausência de triangulação metodológica limita a profundidade analítica do estudo. A utilização exclusiva de um questionário pode ter deixado de fora dimensões qualitativas relevantes. Acresce a possibilidade de viés de deseabilidade social, com os participantes a sobrestimarem as suas competências em e-literacia por considerarem essas capacidades socialmente valorizadas.

Recomenda-se que estudos futuros aprofundem esta temática com amostras mais representativas, abordagens longitudinais e atenção à pluralidade de plataformas e formatos de conteúdo, explorando de forma mais ampla o papel das redes sociais *online* na promoção da saúde junto dos jovens.

---

## Referências bibliográficas

---

Abdurahman, C., Oljira, L., Hailu, S., & Mengesha, M. M. (2022). Sexual and reproductive health services utilization and associated factors among adolescents attending secondary schools. *Reproductive Health*, 19(1). <https://doi.org/10.1186/s12978-022-01468-w>

Albury, K. and Mannix, S. (2025). From digital health literacy to a digital and data capabilities approach to sexual health. *Sexuality Research and Social Policy*. <https://doi.org/10.1007/s13178-025-01110-x>

Alhussaini, N. W. Z., Elshaikh, U., Abdulrashid, K., Elashie, S., Hamad, N. A., & Al-Jayyousi, G. F. (2025). Sexual and reproductive health literacy of higher education students: a scoping review of determinants, screening tools, and effective interventions. *Global Health Action*, 18(1). <https://doi.org/10.1080/16549716.2025.2480417>

Ashcraft, C. (2009). Literacy and Sexuality: What's the Connection? *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, 52(7), 636–638. <https://doi.org/10.1598/jaal.52.7.9>

Beaton, D. E., Bombardier, C., Guillemin, F., & Ferraz, M. B. (2000). Guidelines for the Process of Cross-Cultural Adaptation of Self-Report Measures. *Spine*, 25(24), 3186–3191. <https://doi.org/10.1097/00007632-200012150-00014>

Bhandari, G., Dhital, S. R., Khatri, D., & Bhandari, T. R. (2024). Effectiveness of Social Media-Based Intervention in Intention Change of Adolescents for Promoting Sexual Health Behavior in Western Terai of Nepal. *Journal of research in health sciences*, 24(2), e00613. <https://doi.org/10.34172/jrhs.2024.148>

Breves, P. L., Liebers, N., Abt, M., & Kunze, A. (2019). The Perceived Fit between Instagram Influencers and the Endorsed Brand. *Journal of Advertising Research*, 59(4), 440–454. <https://doi.org/10.2501/JAR-2019-030>

Crutzen, R., de Nooijer, J., Brouwer, W., Oenema, A., Brug, J., & de Vries, N. K. (2011). Strategies to facilitate exposure to internet-delivered health behavior change interventions aimed at adolescents or young adults: a systematic review. *Health Education & Behavior*, 38(1), 49-62. <https://doi.org/10.1177/1090198110372878>

Divecha, Z., Divney, A., Ickovics, J., & Kershaw, T. (2012). Tweeting About Testing: Do Low-Income, Parenting Adolescents and Young Adults Use New Media Technologies To Communicate About Sexual Health? *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 44(3), 176–183. <https://doi.org/10.1363/4417612>

Dryden, R., Williams, B., McCowan, C., & Themessl-Huber, M. (2012). What do we know about who does and does not attend general health checks? Findings from a narrative scoping review. *BMC Public Health*, 12(1). <https://doi.org/10.1186/1471-2458-12-723>

Dunstan, C. J., Paxton, S. J., & McLean, S. A. (2017). An evaluation of a body image intervention in adolescent girls delivered in single sex versus co-educational classroom settings. *Eating Behaviors*, 25, 23–31. <https://doi.org/10.1016/j.eatbeh.2016.03.016>

Etikan, I., & Bala, K. (2017). Sampling and sampling methods. *Biometrics & Biostatistics International Journal*, 5(6), 215-217. <https://doi.org/10.15406/bbij.2017.05.00149>

Evans, N. J., Phua, J., Lim, J., & Jun, H. (2017). Disclosing Instagram influencer advertising: The effects of disclosure language on advertising recognition, attitudes, and behavioral intent. *Journal of Interactive Advertising*, 17(2), 138–149. <https://doi.org/10.1080/15252019.2017.1366885>

- Evers, C. W., Albury, K., Byron, P., & Crawford, K. (2013). Young People, Social Media, Social Network Sites and Sexual Health Communication in Australia: “This is Funny, You Should Watch It.” *International Journal of Communication*, 7, 263–280. <https://apo.org.au/sites/default/files/resource-files/2013-05/apo-nid34135.pdf>
- Fortenberry, J. D., McFarlane, M. M., Hennessey, M., Bull, S. S., Grimley, D. M., St Lawrence, J., Stoner, B. P. & VanDevanter, N. (2001). Relation of health literacy to gonorrhoea related care. *Sexually transmitted infections*, 77(3), 206-211. <https://doi.org/10.1136/sti.77.3.206>
- Gabarron, E., Oyeyemi, S.O., Wynn, R. (2021). COVID-19-related misinformation on social media: a systematic review. *Bulletin of the World Health Organization*, 99(6), 455-463A. <https://doi.org/10.2471/BLT.20.276782>
- George, N., Reynolds, S. A., Long, R. d., Kacica, M., Ahmed, R., & Manganello, J. A. (2023). Social media and black maternal health: the role of health literacy and ehealth literacy. *HLRP: Health Literacy Research and Practice*, 7(3). <https://doi.org/10.3928/24748307-20230614-01>
- Goldfarb, E.S. & Lieberman, L.D. (2021). Three Decades of Research: The Case for Comprehensive Sex Education. *Journal of Adolescent Health*, 68, 13-27. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.07.036>
- Hamat, A., Embi, M. A., & Hassan, H. A. (2012). The Use of Social Networking Sites among Malaysian University Students. *International Education Studies*, 5(3), 56–66. <https://doi.org/10.5539/ies.v5n3p56>
- Inyang-Etoh, E. C., Ekanem, A., & Akpan, A. S. (2015). Knowledge-gap among doctors in the niger delta region of nigeria about sexual and reproductive health. *OALib*, 02(12), 1-9. <https://doi.org/10.4236/oalib.1102151>
- Ireland, H., Tran, N. T., & Dawson, A. (2021). The role of social capital in women’s sexual and reproductive health and rights in humanitarian settings: a systematic review of qualitative studies. *Conflict and Health*, 15(1). <https://doi.org/10.1186/s13031-021-00421-1>
- Katz, E., Blumler, J. G., & Gurevitch, M. (1973). Uses and Gratifications Research. *The Public Opinion Quarterly*, 37(4), 509–523. <http://www.jstor.org/stable/2747854>

Kemp, S. (2025, fevereiro). *Global Digital Report 2025* [PDF]. We Are Social. <https://wearesocial.com/wp-content/uploads/2025/02/GDR-2025-v2.pdf>

Kesten, J. M., Dias, K., Burns, F., De Wit, J., Meiksin, R., & Sonnenberg, P. (2019). Acceptability and potential impact of delivering sexual health promotion information through social media and dating apps to MSM in England: A qualitative study. *BMC Public Health*, *19*, 1236. <https://doi.org/10.1186/s12889-019-7558-7>

Kickbusch, I. (1997) Think health: what makes the difference. *Health Promotion International*, *12*, 265–272. <http://www.jstor.org/stable/45152382>

Lee, H. Y., Lee, J., & Kim, N. K. (2014). Gender Differences in Health Literacy Among Korean Adults. *American Journal of Men's Health*, *9*(5), 370–379. <https://doi.org/10.1177/1557988314545485>

Lucassen, M. F., & Burford, J. (2015). Educating for diversity: an evaluation of a sexuality diversity workshop to address secondary school bullying. *Australasian Psychiatry*, *23*(5), 544–549. <https://doi.org/10.1177/1039856215592324>

Lusa, A. (2022). *Jovens têm bons conhecimentos sobre sexualidade, mas não de contraceptivos e doenças*. Diário de Notícias. <https://www.dnoticias.pt/2022/4/28/308366-jovens-tem-bons-conhecimentos-sobre-sexualidade-mas-nao-de-contraceptivos-e-doencas/>

Marketeer. (2022). *Instagram é a rede social mais utilizada pelos jovens em Portugal*. Marketeer. <https://marketeer.sapo.pt/instagram-e-a-rede-social-mais-utilizada-pelos-jovens-em-portugal/>

McLaughlin, M. L., Hou, J., Meng, J., Hu, C. W., An, Z., Park, M., & Nam, Y. (2016). Propagation of Information About Preexposure Prophylaxis (PrEP) for HIV Prevention Through Twitter. *Health Communication*, *31*(8), 998–1007. <https://doi.org/10.1080/10410236.2015.1027033>

Meade, A. W., & Craig, S. B. (2012). Identifying careless responses in survey data. *Psychological Methods*, *17*(3), 437–455. <https://doi.org/10.1037/a0028085>

Mohammadi, F., Kohan, S., Mostafavi, F., & Gholami, A. (2016). The stigma

of reproductive health services utilization by unmarried women. *Iranian Red Crescent Medical Journal*, 18(3). <https://doi.org/10.5812/ircmj.24231>

Mukti, O. F. W. & Putri, N. K. (2021). Social Media Analytics: Instagram Utilization for Delivering Health Education Messages to Young Adult in Indonesia. *Jurnal Promkes: The Indonesian Journal of Health Promotion and Health Education*, 9(1), 35–43. <https://doi.org/10.20473/jpk.V9.I1.2021.35-43>

Neiger, B. L., Thackeray, R., Burton, S. H., Giraud-Carrier, C. G., & Fagen, M. C. (2013). Evaluating social media's capacity to develop engaged audiences in health promotion settings: use of Twitter metrics as a case study. *Health promotion practice*, 14(2), 157-162. <https://doi.org/10.1177/1524839912469378>

Nematzadeh, S., Shahhosseini, Z., Moosazadeh, M., Faramarzi, M., Miri, M., & Ghafari, R. (2024). Sexual health literacy level and its related factors among married medical sciences college students in an Iranian setting: A web-based cross-sectional study. *Reproductive Health*, 21, 53. <https://doi.org/10.1186/s12978-024-01756-7>

Norman, C. D., & Skinner, H. A. (2006). eHEALS: The eHealth Literacy Scale. *Journal of Medical Internet Research*, 8(4): e27. <https://doi.org/10.2196/jmir.8.4.e27>

Norman, C. D., & Skinner, H. A. (2006). eHealth Literacy: Essential Skills for Consumer Health in a Networked World. *Journal of Medical Internet Research*, 8(2): e9. <https://doi.org/10.2196/jmir.8.2.e9>

Nutbeam, D. (1998). Health promotion glossary. *Health Promotion International*, 13(4), 349-364.

Podsakoff, P. M., MacKenzie, S. B., Lee, J. Y., & Podsakoff, N. P. (2003). Common method biases in behavioral research: A critical review of the literature and recommended remedies. *Journal of Applied Psychology*, 88(5), 879–903. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.88.5.879>

Roberts, M., Callahan, L., & O'Leary, C. (2017). Social media: A path to health literacy. *Information Services & Use*, 37(2), 177–187. <https://doi.org/10.3233/isu-170836>

Segovia-Villarreal, M., & Rosa-Díaz, I. M. (2022). Promoting Sustainable Lifestyle Habits: “Real Food” and Social Media in Spain. *Foods (Basel, Switzerland)*, 11(2), 224. <https://doi.org/10.3390/foods11020224>

Sentell, T., Vamos, S. & Okan, O. (2020) Interdisciplinary Perspectives on Health Literacy Research Around the World: More Important Than Ever in a Time of COVID-19. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(9), 3010. <https://doi.org/10.3390/ijerph17093010>

Simonds, S. K. (1974). Health Education as Social Policy. *Health Education & Behavior*, 2(1 Supplement), 1-10. <https://doi.org/10.1177/10901981740020s102>

Smith, P. D., & Roberts, C. M. (2009). American College Health Association annual Pap test and sexually transmitted infection survey: 2006. *Journal of American College Health*, 57(4), 389-394. <https://doi.org/10.3200/JACH.57.4.389-394>

Taylor, B., Stein, N. D., & Burden, F. (2010). The Effects of Gender Violence/ Harassment Prevention Programming in Middle Schools: A Randomized Experimental Evaluation. *Violence & Victims*, 25(2), 202–223. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.25.2.202>

Van der Heide, I., Wang, J., Droomers, M., Spreeuwenberg, P., Rademakers, J., & Uiters, E. (2013). The Relationship Between Health, Education, and Health Literacy: Results From the Dutch Adult Literacy and Life Skills Survey. *Journal of Health Communication*, 18(sup1), 172–184. <https://doi.org/10.1080/10810730.2013.825668>

Van der Vaart, R., van Deursen, A. J., Drossaert, C. H., Taal, E., van Dijk, J. A., & van de Laar, M. A. (2011). Does the eHealth Literacy Scale (eHEALS) measure what it intends to measure? Validation of a Dutch version of the eHEALS in two adult populations. *Journal of medical Internet research*, 13(4), e1840. <https://doi.org/10.2196/jmir.1840>

Warner-Søderholm, G., Bertsch, A., Everlyn Sawe, Lee, D., Wolfe, T., Meyer, J., Engel, J., & Uepati Normann Fatilua. (2018). Who trusts social media? *Computers in Human Behavior*, 81, 303–315. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.12.026>

Wartella, E., Rideout, V., Montague, H., Beaudoin-Ryan, L., & Lauricella, A. (2016). Teens, Health and Technology: A National Survey. *Media and*

*Communication*, 4(3), 13-23. <https://doi.org/10.17645/mac.v4i3.515>

Weijters, B., Baumgartner, H., & Schillewaert, N. (2013). Reversed Item Bias: An Integrative Model. *Psychological Methods*, 18(3), 320–334. <https://doi.org/10.1037/a0032121>

Welch, V., Petkovic, J., Pardo Pardo, J., Rader, T., Tugwell, P. (2016). Interactive social media interventions to promote health equity: an overview of reviews. *Health Promotion and Chronic Disease Prevention in Canada*, 36(4), 63-75. <https://doi.org/10.24095/hpcdp.36.4.01>

World Health Organization. (2025). *Sexual health*. [https://www.who.int/health-topics/sexual-health#tab=tab\\_1](https://www.who.int/health-topics/sexual-health#tab=tab_1)

### **Nota biográfica:**

**Ana Beatriz Monteiro** concluiu a licenciatura em Ciências da Comunicação pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa em 2024. A sua formação académica proporcionou-lhe uma base sólida nas áreas do Marketing, Publicidade e Media Digitais. No ano seguinte iniciou a sua atividade profissional na área do Marketing Digital, onde incorpora diariamente estes conhecimentos em estratégias de comunicação e gestão de marcas. A sua função permite a colaboração próxima com diversos anunciantes, analisando os seus resultados e ajudando-os a otimizar as suas campanhas de marketing no âmbito do digital. A capacidade analítica, criatividade e adaptação às constantes mudanças do mercado são exemplos de competências que desenvolveu ao longo da sua formação e que agora coloca em prática.

E-mail: [nokitas.monteiro@gmail.com](mailto:nokitas.monteiro@gmail.com)

**Raphaël Baptista** é Professor Auxiliar Convidado no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) e na Universidade da Beira Interior (UBI). Em 2022, concluiu o doutoramento em Ciências da Comunicação, com a classificação Aprovado por unanimidade com Distinção e Louvor, apresentando uma investigação que versa sobre a comunicação para a saúde online. Adicionalmente, é investigador colaborador do Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP) e do Laboratório de Comunicação (LabCom). Atualmente está a trabalhar em dois projetos científicos: HealMe: O que pensam os gestores de saúde em Portugal sobre a saúde digital e Comunicação de Políticas Públicas de Saúde em Portugal - ComHealthPPP. Além de se dedicar à comunicação em saúde, concentra esforços no estudo da implementação da inteligência artificial no mundo da comunicação, tendo já publicado e participado em conferências internacionais sobre o tema.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5217-4828>

E-mail: [raphael.baptista1@gmail.com](mailto:raphael.baptista1@gmail.com)